



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA Rui Costa - Governador

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO Osvaldo Barreto Filho - Secretário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro - Reitora Evandro Sena Freire - Vice-Reitor

DIRETORA DA EDITUS RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
André Luiz Rosa Ribeiro
Adriana dos Santos Reis Lemos
Dorival de Freitas
Evandro Sena Freire
Francisco Mendes Costa
José Montival Alencar Junior
Lurdes Bertol Rocha
Maria Laura de Oliveira Gomes
Marileide dos Santos de Oliveira
Raimunda Alves Moreira de Assis
Roseanne Montargil Rocha
Silvia Maria Santos Carvalho

Natanael Reis Bomfim (Organizador)

REPRESENTAÇÕES E TURISMO

Imagens e Práticas Socioculturais no Espaço



Copyright ©2015 by NATANAEL REIS BOMFIM

Direitos desta edição reservados à EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO Jamile Azevedo de Mattos Chagouri Ocké

REVISÃO Genebaldo Pinto Ribeiro Maria Luiza Nora Paulo Roberto Alves dos Santos Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R425 Representações e turismo : imagens e práticas socioculturais no espaço / Natanael Reis Bomfim (Organizador). - Ilhéus, BA: Editus, 2016. 439 p. : il.

> Inclui referências. ISBN: 978-85-7455-359-7

1. Turismo. 2. Turismo - Aspectos sociais. I. Bomfim, Natanael Reis.

CDD 380.145

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil Tel.: (73) 3680-5028 www.uesc.br/editora editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



"Foi a minha primeira grande viagem. Foi o início do meu caminho exposto à vida e ao choque de diferentes culturas. Sem medo e com vontade de tudo querer conhecer. Hoje, quando revejo os álbuns de fotografias e repasso as imagens e as memórias desse tempo, olho para o homem em que me tornei e revejo-me naquele Mário de vinte anos. Tenho mais experiência, é certo, mas também muitas lições aprendidas. Continuo a acreditar nos meus sonhos. Procuro, em cada dia que passa, conquistar mais um pouco em direcção a cada um deles, e acreditem que ainda tenho muitos para conquistar. orgulho-me daquilo que sou e conquistei, principalmente porque dentro de mim continua aquele jovem Mário preparado para novos desafios e novas viagens. Ontem foram os mares e os continentes, amanhã será o espaço."

Mario Ferreira, em Na Onda de um Sonho.

Prefácio

O turismo hoje é uma realidade que chama a atenção não só de investidores, ávidos por localidades virgens em exoticidade, mas também dos cientistas sociais. As dinâmicas sociais por ele engendrada são de tal ordem que não é mais possível ignorá-lo, quanto mais deixá-lo ao encargo exclusivo das ciências econômicas. É chegado o momento da análise do turismo emancipar-se de disciplinas que lhe conferem um lugar meramente produtivo e funcional.

A coletânea Representações e Turismo. Imagens e Práticas Socioculturais no Espaço constitui um louvável esforço de pesquisadores que analisam o turismo por meio de um viés alternativo àquele usualmente visto nas ultimas décadas. O livro representa também o investimento pessoal do seu organizador, um investigador cujas iniciativas revelam o objetivo de dotar o turismo de um outro estatuto, mais condizente com sua importância social na contemporaneidade.

Com a presente obra, o turismo ganha olhares que se distanciam do que, por muito tempo, vigorou como a norma em sua análise: a lógica instrumental reducionista, própria do mundo dos negócios voltadas a valorização do capital. De fato já foi dito sobre o turismo desde que esse fato social total (MAUSS, 1974) começou a atrair os olhares de pesquisadores das ciências humanas. Campo de saber complexo afinal, trata-se de um fenômeno para qual converge toda uma gama de instituições



e práticas sociais – o turismo foi, durante muito, tempo ignorado pelas ciências sociais, notadamente a Sociologia e a Antropologia. Muito do preconceito acadêmico para o turismo como objeto de estudo ainda se deve à sua problematização tardia por parte dessas duas ciências.

Contudo, essa indiferença não perdurou. No fim dos anos de 1960, a Antropologia começou a se interessar pelos turistas assim como por suas interações com os habitantes locais; até então os turistas eram vistos como um obstáculo à realização de etnografias, quando não uma ameaça à ordem social e cultural das sociedades ditas tradicionais. Vemos claramente que o turismo representava um dos aspectos mais pronunciados da modernidade e, ao mesmo tempo, um dos principais fatores da aversão dos pesquisadores devido a seu poder e transformar as sociedades estudadas.

A aversão e a repulsa ao turismo por parte de uma considerável parte da academia parecem encontrar parte de sua explicação no fato de que ele esteve associado, historicamente, num primeiro momento, às práticas sociais próprias da aristocracia e, posteriormente, às práticas de consumo crescentes das classes médias que ainda reproduzem, em sua forma, o lazer das classes ociosas (VIARD, 1984). Mas, também, podemos identificar a causa do desinteresse das ciências sociais pelo turismo, notadamente da parte da Antropologia, no fato de que ele se constituía como um fato social próprio das sociedades ocidentais "desenvolvidas", ao passo que interessava, sobretudo, investigar o mais rápido possível sociedades e culturas tradicionais, localizadas nos mais remotos confins do planeta. Foi preciso que o próprio objeto da Antropologia fosse ameaçado de extinção para que toda uma revolução epistemológica operasse uma transformação e uma guinada nessa disciplina. Agora, o outro, é diferente e a alteridade não se encontravam mais a milhares de quilômetros da sociedade do pesquisador. O "outro" se encontrava em sua própria sociedade. A Antropologia deixava de ser a ciência do primitivo para ser a ciência da alteridade, e o caminho para o estudo de turista e do turismo estava aberto.

O turismo foi, desde o começo, o alvo de investida da Economia e, posteriormente, da Geografia. Ainda hoje, essa primeira investida da Economia produz efeitos sob a forma de comentários poucos reveladores de que o turismo não é somente uma atividade econômica. Esse fenômeno nasce atravessado por questões fundamentais ligadas às trocas econômicas e ao espaço, dai também sua apropriação por parte da Geografia. Mas nem o aspecto econômico, nem o espaço são fenômenos exclusivos da Economia e da Geografia. A Sociologia, especialmente a que remonta a Escola Sociológica Francesa, jamais

desdenhou seja dos aspectos econômicos, seja dos espaciais, muito ao contrario. Obra fundamental das ciências sociais, *O Ensaio sobre o Dom*, de Marcel Mauss, aborda, como nenhuma obra jamais tratou, as trocas econômicas presentes nos sistemas de prestações totais que mais comumente conhecemos como "Potlach". Ora, nem por isso trata-se de uma obra de análise econômica. A diferença é que, para Mauss, a economia não estava separada dos demais aspectos da vida social, como a religião, a magia e os mitos — e a noção de fato social evidencia isso.

Mas o espaço também foi objeto de reflexão desse autor. Em *As variações sazoneiras das sociedades esquimós*, Mauss mostrava, pela primeira vez, de que forma a dupla morfologia das sociedades esquimós nada devia ao ambiente físico ou natural, o que o coloca na vanguarda da critica ao determinismo geográfico. Nesse texto, Mauss mostra que de que maneira a dupla morfologia das sociedades esquimós revela dois quadros representações coletivas, operando distinções e classificações com base em pares de oposição: verão x inverno. Conforme a estação do ano, verão ou inverno, os esquimós possuem dupla economia e técnicas de caça, uma dupla religião, uma dupla forma familiar, assim como uma dupla forma de ocupar o espaço ou o território e erguer suas casas.

Finalmente, os esquimós articulam dois sistemas de representação e classificação. A dupla morfologia das sociedades esquimós não é, de fato, a causa das representações ou da sua vida mental, como também não é das ações e das práticas sociais, ao contrário, são atos inspirados, diria Mauss, pelas representações sociais, pelas ideias altamente coletivas que nada devem às consciências individuais. As representações coletivas ou sociais são resultados, como dizia Durkheim (1966), há mais de um século, de uma intensa colaboração entre vivos e mortos que se estendem no tempo e no espaço.

O importante a se extrair dessa análise é que esse modelo se presta muito bem para pensar e refletir sobre as práticas que classificamos sob o nome de turísticas e que acionam sistemas de representações distintas ao longo de um calendário. Assim, podemos pensar turistas se deslocando do Sudeste para o Nordeste, ou vice-versa, no momento em que outras formas de representações coletivas entram em ação ordenando e guiando práticas sociais. Temos turistas portando configurações mentais duplas ou triplas, da mesma forma que diferentes arranjos familiares e diferentes formas de apropriação do espaço.

A perspectiva de utilizar a noção de representações sociais, que são já práticas sociais altamente regradas e ritualizadas, é a de pensar a realidade social como sendo construída, nada tendo natural, ou ainda como o resultado do desenvolvimento espontâneo da mente humana. Concebida como socialmente construída, a realidade social perde toda sua substancialidade, abrindo caminho para a compreensão da forma como sistemas simbólicos ou conjuntos de símbolos e signos se articulam.

É nessa linha de raciocínio que os trabalhos que integram o livro organizado pelo professor e pesquisador Natanael Reis Bomfim busca compreender e interpretar diferentes manifestações sociais e culturais relacionadas às atividades turísticas. As leituras certamente trarão renovação, bem como servirão de inspiração aos novos pesquisadores e estudantes que adentram esse campo atravessado de olhares.

Professor Doutor Euler David de Siqueira

SUMÁRIO

Apresentação13
CAPÍTULO I REPRESENTAÇÕES: conceitos e implicações no turismo17
1. O QUE É UMA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO? 19 Natanael Reis Bomfim
CAPÍTULO II
REPRESENTAÇÕES E IMAGENS NO TURISMO35
2. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ESPAÇO URBANO TURÍSTICO DE ILHÉUS, BAHIA (BRASIL), NA PERSPECTIVA DO RESIDENTE
3. "LA PLUS BELLE AVENUE DU MONDE": imaginário e etnocentrismo nos discursos midiáticos em Paris
CAPÍTULO III PERCEPÇÃO, INTERPRETAÇÃO E PLANEJAMENTO NO TURISMO75
4. TURISMO E INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL NO BRASIL
5. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O TURISMO EM PIRAMBU (SE)

6. RELAÇÃO ENTRE TURISTA E COMUNIDADE DE
ILHÉUS-BAHIA-BRASIL: desigualdades multiplicadas
na concepção de Dubet215
Adelina Prado Caldas Neres
Natanael Reis Bomfim
7. PESCADORES, CABANEIROS E FEIRANTES: novas percepções
sobre a atividade turística na baia de camamu-bahia227
Djaneide Argolo
8. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO TURISMO:
um estudo de caso sobre o planejamento turístico
sustentável do município de Valença-Bahia293
Fernanda Meneses de Miranda Castro
Moema Maria Badaró Cartibani Midlej
10. POTENCIALIDADES E ENTRAVES DA ATIVIDADE
TURÍSTICA NA VILA DE MONTE VERDE,
MINAS GERAIS317
Luciane Aparecida Goulart
Natanael Reis Bomfim
CADÍTUU O IV
CAPÍTULO IV
REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS
NO SETOR HOTELEIRO343
11. REPRESENTACÕES E PRÁTICAS CULTURAIS PARA O
PROCESSO DE CAPACITAÇÃO NA HOSPITALIDADE
DO SETOR HOTELEIRO EM ILHÉUS-BAHIA345
Elba Karla Leão Silva

Apresentação

Nas últimas décadas, paralelo ao contexto educacional e no seio das ciências humanas, Geografia, História, Sociologia, Antropologia, Economia, entre outras, os debates sociais e científicos colocam em jogo os termos representações, território, lugar, espaços educativos, entre outros. Estes debates abordam a necessidade de investigar os princípios fundadores de nossa relação com o mundo. Trata-se de fazer interagir os fundamentos de uma inteligibilidade do espaço das sociedades com as significações atribuídas ao espaço vivido pelo ator *sociogeográfico*, construídas através de sua participação na sociedade e da sua construção identitária com o espaço¹.

Esse debate no meio acadêmico tem produzido conhecimento, novas proposições didáticas e estratégias de planejamento, tanto para a formação de profissionais, nos diversos níveis de ensino, quanto para o desenvolvimento do turismo com base sustentável (BENI, 2006; BOMFIM, 2005; DENCKER, 2004; BARRETO, 2003). Entretanto, verifica-se que essas produções foram ineficazes, pois não acompanharam as atividades concretas capazes de responder às necessidades dos professores, de comunidades locais, de empresários. Logo, por um lado, os estudos propõem

que trabalhem os conceitos em relação às próprias realidades sociais do espaço como uma forma de representação destas realidades. Por outro lado, as práticas que se exercem no espaço apontam que, para a maior parte dos sujeitos, empreendimentos envolvidos no fenômeno turístico atuam de maneira assistemática, nas diversas dimensões espaciais na esfera das políticas públicas.

Portanto, as perspectivas de inspiração interdisciplinar consideram as significações e práticas que os atores sociais atribuem ao seu espaço de vivência como uma forma de reconstrução de sua realidade socioespacial. Assim, nós acreditamos que estas significações nos permitem compreender dentro de qual mundo e como eles vivem, e de afirmar que as representações sociais e espaciais são pertinentes para melhor se compreender fenômenos da educação e do turismo e apresentar estratégias que permitam a sua sustentabilidade em diversas dimensões.

Nesse sentido, a pessoa humana é o epicentro desses fenômenos e, para atingi-lo, os teóricos e os técnicos recorrem a princípios, conclusões, métodos e sistemas da Sociologia, da História, da Geografia, da Economia, da Política, com o auxilio indispensável e permanente da Psicologia, da Comunicação, humana e social, entre outras disciplinas (ANDRADE, 2002).

Desde a década de 90, do século XX, que os cientistas sociais têm se preocupado com o tema que até agora não goza de prestígio acadêmico. A exemplo, Denninson Nash, da Universidade de Connecticut, com *Antropologia do Turismo* (Impactos do Turismo no México); Francisco Jurdão Arrones, com *Os Mitos do Turismo*, que denuncia o modelo de turismo espanhol. No Brasil, o trabalho de Just Krippendorf (Doutor em Ciências Econômicas e Assesor de vários organismos internacionais) é aceito e difundido em vários cursos de turismo; *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão de lazer e de viagens;* John Urry; *O olhar do turista* busca analisar o consumo dos lugares, pelo turista, de forma reflexiva.

Atualmente, destacamos os trabalhos de Santana Talavera (Universidade de La Laguna); Regina Schluter, do Centro de Investigação Turistica de Buenos Aires; Stella Maris A. Burne (Espanha); Tereza Maria Luchiari; Álvaro Banducci; Margarita Barreto (Brasil) que discutem a transformação da paisagem, dos lugares e as questões ligadas à cultura, memória e valorização e preservação do patrimônio.

Percebemos que a maioria dos estudos, no Brasil e no mundo, em Antropologia, Sociologia, Geografia, Economia, Administração, tem uma preocupação com os impactos do turismo sobre os aspectos social, cultural, ambiental e econômico. Entretanto, menos atenção têm

recebido temas como alteridade como processo de interação e relação entre os sujeitos num determinado ambiente, onde a visão do outro permite compreender o mundo; constituição da diferença; relações de gênero; relações inter-étnicas no trabalho; modos de produção e de representações sociais.

Foi com este intuito que surgiu este livro, no sentido de desvelar caminhos teóricos e epistemológicos para uma análise do turismo como fenômeno social. Ele se dirige a todos os estudiosos, pesquisadores, profissionais e gestores públicos e privados que atuam, direta e indiretamente, com a educação, geografia e o turismo.

Desta forma, a obra é estrutarada em quatro capítulos. No capítulo I, **Representações: conceitos e implicações no turismo**, Natanael Reis Bomfim discute os conceitos de representação, representação social e representação espacial como base para ampliar o conceito de representações sociais do espaço e entender o turismo como fenômeno social.

No capítulo II, **Representações e imagens no turismo**, os autores Charles dos Reis Alves, Denise da Costa Oliveira Siqueira, Euler David de Siqueira, Luciana Luisa Chave Castro e Natanael Reis Bomfim analisam as diferentes formas de imagens advindas das representações e sua relação com o turismo. Eles buscam verificar como os elementos históricos, culturais, materiais, identitários e ambientais, percebidos e concebidos pelos atores sociais, podem contribuir para a educação patrimonial e para o turismo cultural.

O capítulo III, **Percepção, interpretação e planejamento no turismo,** se inicia com o texto de Gustavo Aveiro de Araújo, que discute a questão da interpretação do patrimônio e sua relação com o planejamento turístico. Em seguida, os trabalhos de Adelina Prado Caldas Neres, Anderson Mendonça, Djaneide Argolo, Fernanda Meneses, Luciane Aparecida Goulart e Moema Maria Badaró Cartibani Midlej buscam compreendem as Representações Sociais construídas pela comunidade residente acerca do seu espaço vivido, como forma de identificar elementos formadores de identidade socioterritorial que podem servir de subsídios para a elaboração estratégias que orientem práticas sociais para o desenvolvimento e a sustentabilidade da atividade turística local.

Finalmente, no capítulo 4, **Representações e práticas so- cioculturais no setor hoteleiro**, Elba Karla Leão busca discutir a relação que se estabelece entre as representações sociais e as práticas culturais dos colaboradores do setor hoteleiro, a fim de aplicar na qualidade e no desempenho dos serviços e no processo de capacitação profissional desse setor.

Cabe agora agradecer às pessoas e instituições que contribuíram para a efetiva publicação desse livro. Aos docentes e discentes pesquisadores do Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz, aos professores doutores da Univerisdade do Estado da Bahia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, do Instituto de Pesquisa em Turismo da Universidade de Sorbonne, Paris I, e, particularmente, ao CNPq e à Fapesb que fomentaram esta publicação.